

PÁTRIA AMADA, BRASIL!: O (in)Sucesso da Identidade Nacional Romântica em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto

*Beloved Homeland, Brazil!: The (un)Sulfillment of Romantic National Identity in *Triste Fim de Policarpo Quaresma* by Lima Barreto*

Mayra Alves de Sousa Reis¹, Mariana Soares dos Santos¹

¹ Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) - Imperatriz, MA - Brasil

[mayra.reis; mariana.santos]@uemasul.edu.br

DOI: Em processo de aquisição

1. Desenvolvimento

A história do Brasil é repleta de mistifório, isto porque o passado brasileiro leva consigo uma parte da verdade ainda não esclarecida, da exclusão dos povos negros e indígenas, marginalizados pela elite branca patriarcal. Nesse sentido, este trabalho visa analisar a obra de Lima Barreto (2017) *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de modo a contextualizar a historicidade da ficção com o histórico-social vivenciados no Brasil República. Em conjunto com o nacionalismo que se expandia na transição à modernidade.

Afonso Henriques de Lima Barreto foi um escritor que desde sua infância carregava consigo as “coincidências” das transformações sociais. Nascido em 13 de maio de 1881, filho de pais inseridos no âmbito das letras, sempre teve paixão pela literatura, sua estreia ocorreu em 1909 com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o qual retrata as desigualdades sociais e preconceitos da sociedade, fatos esses também ocorridos com o autor (Perin, 2019). Nos estudos sobre Crítica Literária se discute intensamente sobre a separação/relação entre escritor e obra, entretanto com Lima Barreto é evidente que esses termos não estão propriamente adequados, visto que suas obras apresentam concepções autobiográficas, “[...]tornando seus próprios personagens”, como aponta Lilia M. Schwarcz (2017, p. 12).

Durante todo seu percurso como escritor, Barreto denunciava as marcas deixadas pela escravidão, que mesmo após a abolição da escravatura de 1888 ainda era praticada pela sociedade brasileira. Lima encontrou um espaço na literatura para evidenciar as condições dos marginalizados e combater o monarquismo tão exaltado pela elite opressora brasileira da época (Silveira, 2006).

Por outro lado, Lima Barreto também não mediu esforços para criticar o modelo republicano que se instalava no início do século XX:

A República no Brasil é o regime da corrupção. Todas as opiniões devem, por esta ou aquela paga, ser estabelecidas pelos poderosos do dia. Ninguém admite que se divirja deles e, para que não haja divergências, há a “verba secreta”, os reservados deste ou daquele Ministério e os empreguinhos que os medíocres não sabem conquistar por si e com independência. (Barreto, online)

É preciso ter em mente que quando se trata de literatura, sobretudo de Lima Barreto, não se pode considerar somente os aspectos ficcionais pertencentes à obra, faz-se necessário entrelaçar história e escrita literária para compreender a sua complexidade narrativa. O autor soube com excelência o poder que sua escrita possuía na luta pela sobrevivência das classes marginalizadas. Mediante a isso, Lima Barreto publica no final de 1915 a obra intitulada, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, que vem a ser uma das obras essenciais da literatura brasileira.

Major Policarpo Quaresma, odiado por uns, em decorrência de sua ingenuidade, e amado por outros, pela bravura nacionalista, um patriota idealista. O personagem ressalta a importância de reconhecer os símbolos nacionais como partes formativas e valiosas da identidade brasileira, esse

discurso nacionalista carrega consigo suor e sangue de quem nunca teve voz, como a população negra e indígena, excluídos pela sociedade brasileira. Situada no Rio de Janeiro, a narrativa perpassa por acontecimentos históricos, guerras e revoluções que resgatam, mas também satirizam, a construção de uma identidade nacionalista defendida por autores anteriores a Lima Barreto, desde o movimento romântico indianista, que visou destacar a identidade nacional na literatura brasileira. Barreto explana em seu personagem justamente a desmistificação de que o Brasil possuía uma identidade nacional como a apresentada pelos indianistas no século XIX que predominava um pensamento eurocêntrico e hegemônico.

A exaltação da cultura nacionalista que tanto Policarpo defende é, resultado do romantismo europeu (Soares, 2019). Contudo, tal concepção se rompe com o passar da narrativa, na qual o personagem vai ao encontro de outras realidades da pátria querida, como a corrupção, o nepotismo e a burocracia da política brasileira, entre outras realidades mascaradas em sua ilusão identitária.

O Brasil exposto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é um país que padece de um futuro. Durante todo o romance os personagens buscam privilégios ou sinecura, meio alheios aos acontecimentos da realidade do país, como um “modus operandi” imposto pela elite brasileira. Lima aborda como a sociedade brasileira esboçava uma intelectualidade provinciana e os aspectos sociais da obra denunciam a “burocracia”, resquícios do modelo governamental anterior.

É notório que Policarpo Quaresma é um romântico. O enaltecimento à pátria não se limita nem mesmo no seu triste fim, sua paixão era força motriz na construção de um projeto nacionalista patriótico para o país. Em toda a narrativa, o personagem empenha-se em valorizar sua terra e anseia pela brasilidade.

Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves — era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro. (Barreto, 2017, p. 12)

A obsessão incessante para realizar seu projeto patriótico ocasionou seu declínio. Diante dos poucos amigos e familiares que possuía, o major havia se tornado um tolo, um homem de prestígio, com emprego e cargo de notoriedade, entretanto ocupava o papel de homem insensato. A visão que a comunidade tinha sobre o comportamento de Quaresma foi definitivamente a sua sentença de morte. No entanto, os olhares de desgosto não o abalavam, o resgate à cultura verdadeiramente brasileira já estava enraizado em seu sangue. Em suas aventuras na construção de uma nova brasilidade, adentrou ao mundo das línguas, buscando construir um arsenal linguístico brasileiro, por meio das línguas originárias, como o tupi-guarani (Souza, 2017). Desse modo, tinha convicção de que o Brasil se tornaria um país de primeiro mundo.

Lima Barreto destrincha, de forma cômica, na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o espírito nacionalista que pairava no Brasil no início do século XX, no entanto, o projeto que Quaresma tanto objetivava ignorava diversos aspectos da formação brasileira. Por mais que a cultura indígena tenha sido a primeira no desenvolvimento histórico-social do país, ela não foi a única; a nacionalidade brasileira estava também nas mãos dos lusitanos e africanos que influenciaram a diversidade étnica e racial do país.

Policarpo, quando exige das autoridades políticas a implementação da língua tupi-guarani como oficial do Brasil, exclui toda a pluralidade cultural existente no país — a exaltação aos indígenas o cega para a dimensão do território nacional, uma vez que a miscigenação é característica da formação nacional. Provável que este tenha sido o seu erro na construção de um ideal patriótico; sua paixão pela grandeza brasileira o fez segregar quem a ajudou a construir.

Em síntese, a obra de Lima Barreto transita entre os pensamentos formalistas que ainda estavam em voga no Brasil, tendo como base os ideais europeus, para uma modernidade mais identitária brasileira. Nessa esteira, a obra de Barreto questiona o pensamento eurocêntrico sobre o Brasil, apresentado mundo afora como um país amigável, musical e tropical. Ao mesmo tempo, permite a reflexão sobre a estrutura social implementada no país, que Policarpo, por meio de suas constantes reivindicações, buscava transformar. No entanto, por vezes, o personagem demonstrava

uma alienação em relação às construções patrióticas.

A obra de Lima Barreto não termina na morte do Major Policarpo Quaresma, pelo contrário, ela acende a pequena faísca em todos que se propõem a ler sua literatura. Assim, como Quaresma, o brasileiro almeja o progresso mesmo diante de tantas mazelas e sofrimentos. O Major leva o leitor a entender que não se faz uma nação sem antes entender a história do seu passado.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Brasília: Edições Câmara, Prazer de Ler, nº 9. 2017.

PERIN, Gabriel Brum. Crítica ao nacionalismo, à modernidade e ao positivismo em Triste fim de Policarpo Quaresma. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 10, nº. 2, 2019.

SOARES, V. Policarpo Quaresma E O Seu Projeto De Nacionalidade. **Revista Paideia** do Colégio Estadual, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

SILVEIRA, Cristiane da. Entre a História e a Literatura: A identidade nacional em Lima Barreto. História: **Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, p. 115-145, jan./jun. 2006.

SOUZA, Renato Dias de. **As representações do nacionalismo em Lima Barreto**. 2017, 259 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.